

DÍVIDA MAIS CARA

É resultado da alta de 0,5% dos juros nos EUA

Com um aumento de meio ponto percentual, os principais bancos norte-americanos subiram ontem sua taxa de juros preferencial (a **prime rate**) de 8,5% para 9%. A alta é ruim para os países endividados, mas não é dramática para o Brasil, uma vez que a dívida externa do País sujeita aos juros com base na **prime**, atualmente, é de cerca de 15% do total baseado em juros flutuantes. Estimativas do Banco Central, com base nos últimos dados disponíveis sobre a dívida, indicam que o prejuízo provocado pela alta dos juros nos EUA será de US\$ 109 milhões.

Um quadro menos recente do perfil da dívida brasileira, publicado em março último pelo Banco Central, revelava uma dívida externa total de US\$ 104,37 bilhões, dos quais US\$ 78,603 bilhões sujeitos a juros flutuantes e US\$ 25,774 bilhões a juros fixos. Do total da dívida sujeita a juros flutuantes, US\$ 50,622 bilhões estavam vinculados à **libor** (taxa interbancária de Londres) e US\$ 16,053 bilhões à **prime**.

Quem liderou a alta dos juros nos Esta-

dos Unidos foi o Chase Manhattan Bank, imediatamente seguido pelo principal banco do país, o Citibank, pelo Chemical Bank e o Manufacturers Hanover Trust, que reagiu às pressões altistas das taxas de curto prazo. Outras instituições a adotar a medida foram o Continental Illinois National Bank, o First National Bank of Chicago, o Michigan National e o Mellon Bank, esperando-se que o restante do setor bancário também elevasse seus juros. A taxa preferencial é a que cobram os bancos de seus melhores clientes.

Em 29 de abril, o Riggs National Bank, de Washington, aumentou sua taxa prefe-

rencial para 8,75%, mas outros bancos não o acompanharam, esperando indícios de um ajuste da circulação do dinheiro pelo Federal Reserve, o banco central norte-americano.

O aumento do Riggs e os de hoje foram os primeiros desde outubro, que precederam o colapso da Bolsa de Nova York naquele mês.

